

O moinho, a olaria, o passado

De volta a Lendava, Eslovênia

MIRKO EPPINGER



Vista de Lendava, Eslovênia, 2006

TUDO COMEÇOU APÓS O FALECIMENTO DE MINHA MÃE, IRENA EPPINGER, EM 1998. MUITO organizada, tinha dezenas de envelopes com contas telefônicas, de luz, etc. dos últimos 40 anos, quando não mais. Numa bolsa, que mais parecia uma maleta de parteira, ela guardava documentos e recordações das famílias Eppinger (do meu avô paterno), Fürst (da minha avó paterna), Strausz (do meu avô materno) e Rosenberg (da minha avó materna). Era uma zona misteriosa cujo conteúdo sempre tive um certo constrangimento em examinar sem sua licença, o que, diga-se de passagem, era inimaginável. Era como se ali houvesse segredos que somente poderiam ser revelados em condições muito especiais, e por ela.

Encontrei todos seus boletins escolares, certidões de nascimento, casamento de meus pais, avós, e fotos, muitas fotos. Eram pessoas com trajes dos anos 1920-30 e de fins do século XIX. Quantos rostos conhecidos, mas quem eram? Sabia que eram meus parentes, conhecia-os a vida toda. Mas não havia um nome sequer. Eram Strausz ou Rosenberg? Eppinger ou Fürst? Não havia mais como identificá-los. Não existia mais ninguém para, colocando um dedo sobre a foto, me dizer: “Este é teu tio-avô, esta é a prima...”

Comecei a sentir um grande vazio. Um vazio que não tinha mais como preencher. Foi quando, subitamente, como se o mundo tivesse caído sobre mim, conscientizei-me de quão pouco eu sabia de meus pais. E que, na corrida do dia a dia, “não tivera tempo” para ouvir suas histórias e pedir mais, cada vez mais. Havia-se aberto um abismo que não tinha como ser preenchido. E agora estava ali, sentindo-me perdido, sem um passado conhecido em que pudesse me apoiar, referir e gritar para mim mesmo: “Sou um judeu de Lendava”.

De onde? De Lendava? Sim, de Dolnja Lendava! E o que sabia eu desta aldeia que ora fora da Hungria, ora da Iugoslávia, e hoje é Eslovênia? Na realidade, nada. Pouco mais que nada. Algumas poucas fotos da década de 1930. Meu pai jogando tênis com amigos, trabalhando no moinho de meu avô, na frente de um instituto de tecnologia onde tinha estudado com seu irmão Bela (sim, “irmão”;

eu tinha um tio!), além da irmã Hermínia, que tinha emigrado pouco antes de nós para Buenos Aires, e não muito mais que isso. Entrava ano, saía ano, estes pensamentos voltavam a me perseguir de tempos em tempos.

Filho único, fui o motivo pelo qual meus pais, antevendo o que estava por vir na Europa, decidiram emigrar. Partimos de Trieste em fins de julho de 1939. Minha tia Hermínia nos precedeu em 45 dias. Fomos para Buenos Aires, onde ficamos até 1943, quando viemos para o Brasil, mais precisamente para Caxias do Sul (RS). Em 1948, minha avó materna, Aranka Rosenberg Strauza, que tinha sobrevivido aos horrores da guerra, chegou para morar conosco. Anos mais tarde, comentando este assunto com Arlene, com quem estou casado hoje, comecei a sentir uma necessidade crescente de conhecer minha cidade natal, andar por suas ruas, respirar seu ar e imaginar como teria sido. Graças

Residência onde Mirko nasceu, 2006



ao encorajamento dela, começamos a planejar uma viagem que passamos a chamar de “Em busca de um passado”.

Definimos maio de 2006 como a melhor época. Planejamos ir a Praga, ficando lá alguns dias, para, somente então, ir à Hungria e a Lendava. Para tanto, iríamos de Praga a Budapeste de trem. Chegando lá, alugariamos um carro para ir a Lendava por uma estrada secundária que nos permitiria conhecer as estações de veraneio na orla dos famosos lagos Balaton. Pela internet, resolvemos passagens e hotéis sem problemas. Porém, com nenhuma locadora via internet conseguimos alugar carro para ir da Hungria à Eslovênia e voltar. Foi preciso acionar conhecidos aqui de Porto Alegre com parentes em Budapeste para resolver o problema.

Somente pouco antes de partir recebemos a confirmação da reserva do carro com uma locadora chamada Sixt. Tínhamos resolvido ir a Budapeste de trem à noite. Com isso, economizaríamos um pernoite e teríamos o prazer de viajar num trem europeu. Todos os conhecidos nos aconselharam a viajar de segunda classe, pois, além da grande diferença de preço da primeira, era também muito confortável. Na estação central de trens em Praga, ao pedirmos passagens na segunda classe, a atendente informou-nos que só havia uma. Neste momento, desconfiamos que a viagem não fosse o que tínhamos imaginado. Ao nos acomodarmos para aguardar da melhor forma a hora de embarque, ouvimos vozes falando em espanhol. Era uma família numerosa, pai, mãe, filhos pequenos e talvez primos. Eram mexicanos que estava indo para Bucareste via Budapeste e se preparavam para uma viagem de mais de 24 horas. Íamos no mesmo trem.

Eis que chega a hora do embarque. Depois de vencermos corredores escuros e escadas sem fim, chegamos no terminal do qual partiria nosso trem. Subimos e ocupamos uma cabine para oito pessoas.



Beata e Mirko, 2006

Era igual à segunda classe dos trens que faziam o interior do Rio Grande do Sul nas décadas 1950-60. Por sorte tínhamos trazido alguns biscoitos e garrafa d'água. A bordo nada havia. Porém, havia aquecimento central! O que era ótimo, pois fazia em torno de 12 graus lá fora. O trem parava em toda e qualquer estaçãozinha. Assim que adormecíamos, lá parávamos novamente e acordávamos. Poucas pessoas subiam ou desciam. A calefação tinha sido desligada.

Deveria ser mais ou menos 5h da manhã, estava amanhecendo quando numa dessas paradas subiram cinco homens e uma mulher. Pelos trajes, pacotes e sacolas vimos serem pessoas muito humildes. Foram se acomodando em nossa cabine e pelos corredores, imediatamente abrindo latas de cerveja, bebendo e conversando alto.

Foi quando o que aparentava ser o mais velho me perguntou de onde éramos. Respondi, em húngaro, do Brasil. Imediatamente saltou a palavra “Pelé”. Queriam saber o que fazíamos ali e como um brasileiro falava húngaro. Deste momento em diante nos descontraímos e passamos a conversar livremente. Eram operários de uma fábrica de balas, drops, e que iam uma vez por mês para casa. Como

se aproximava a Páscoa, estavam carregados de presentes para os filhos e esposas.

Chegamos em Budapeste mais ou menos às 8h da manhã. Nossos companheiros seguiram viagem. Após fazer câmbio de moeda e um café da manhã na própria Estação Oeste, tomamos um táxi para a locadora Sixt, que tanto trabalho nos dera para localizar. Lá, enquanto assinava os documentos de locação, Arlene folheava alguns fôlderes, e surpresa: a locadora tinha filial em Porto Alegre, ali na rua Dona Margarida.

Embarcamos em nosso carro e, sem maiores dificuldades, encontramos o caminho que buscávamos e que nos levaria a Lendava. Era uma região linda, início de primavera, ainda frio, mas notavam-se por onde passávamos muitos cartazes de “aluga-se” e “vende-se”, tal como encontramos em nossos balneários aqui no sul do Brasil em começo de veraneio. Eram aproximadamente 16h quando finalmente encontramos um restaurante aberto. Era um local extremamente charmoso. Após várias tentativas, consegui ler e entender o cardápio. Fizemos uma bela refeição e continuamos viagem para nosso destino: Lendava.

Chegamos ao anoitecer. Nosso hotel, que tínhamos reservado via internet, estava indicado por placas sinalizadoras. Ninguém nas ruas, talvez devido ao adiantado da hora, ao frio. Hotel de aparência moderna, linhas retas, dois pisos, no centro de uma praça que depois ficamos sabendo ser também o estacionamento do hotel. Havia uma só pessoa na recepção que confirmou nossa reserva e informou que não havia carregador para nossa bagagem. Nós mesmos deveríamos trazê-la. Foi o que fizemos e a levamos ao aposento que nos indicou, no primeiro andar. Qual não foi nossa surpresa ao entrarmos. Um belo quarto com calefação central, lençóis limpíssimos, banheiro com banheira e, surpresa maior, o piso do banheiro era aquecido. Como já

eram 21h, perguntamos na recepção se havia onde comer algo. Indicou-nos um local que talvez ainda estivesse funcionando. Ao chegarmos lá, já não nos queriam atender. Mas, como insistimos e nos sujeitamos a um prato que havia pronto, aceitaram-nos.

Após a refeição, querendo falar com o rapaz que nos atendeu e que se encontrava à porta da cozinha, para lá me dirigi. Estava conversando com as cozinheiras. Uma aparentava 35 anos, e a outra, bem mais velha, de 60 a 65 anos. Foi quando resolvi perguntar se alguma delas conhecia um velho moinho tocado a caldeira a vapor (meu avô possuía na cidade o moinho, a olaria e um grande hotel chamado Korona, “da Coroa”). Os dois mais jovens responderam que não. Mas a mais idosa respondeu com a pergunta: “O moinho dos Eppinger”? Foi o primeiro choque. Disse-lhe que sim, que tinha sido de meu avô e que gostaria muito de visitá-lo. Pedi-

Ilonka e Mirko, 2006





Mirko e Ilonka ao lado da sepultura da família Eppinger, 2006

lhe que no dia seguinte me levasse ao local. Porém, nenhum argumento meu a convenceu a fazê-lo.

Voltamos para o hotel. Eu, muito angustiado, irritado com a negativa, nem conseguia pensar direito. Resolvemos, por sugestão de Arlene, que a primeira e melhor coisa a fazer no dia seguinte era nos dirigir à prefeitura da cidade, que deveria ter os registros do que buscávamos. Foi o que fizemos. Após um bom café da manhã me dirigi à recepção para saber como chegar até a prefeitura. Mas como era mesmo “prefeitura” em húngaro? Não tinha a menor ideia. Consegui me fazer entender e lá fomos nós.

Era um prédio simples de três pisos. No primeiro guichê, ao perguntar com quem poderia obter informações sobre velhos prédios, indicaram-nos que no segundo andar deveríamos procurar a sra. Beata. Encontramos a porta, bati e entramos. Perguntei pela sra. Beata. Era ela. Encontramos uma jovem senhora aparentando 35 anos, conversando com um

colega, ambos de pé. Era uma sala pequena, bem iluminada, com duas escrivaninhas, poucas cadeiras, armários e prateleiras e com não mais de 3m x 4m. Perguntado sobre o que desejava, respondi-lhe que buscava informações sobre um velho moinho a caldeira, “dos Eppinger”. Neste momento, o colega pediu licença para sair numa língua desconhecida para mim. Não era húngaro, devia ser esloveno. Perguntou-me qual era meu interesse no assunto e lhe respondi que era de meu avô. Senti como se um raio lhe tivesse atingido. Apoiou-se na mesa e mais afirmou que perguntou: “Então tu deves ser o Mirko, filho do Ladislau!” Foi a minha vez de me apoiar. Como alguém ainda poderia saber do moinho eu podia entender, mas saber o nome de meu pai e o meu era muito além do que poderia imaginar. Neste momento, ela abriu o arquivo que tinha às suas costas e retirou um livro com capa preta e abriu-o na última página, onde havia uma

fotografia de pessoas sentadas nos degraus da entrada de uma casa. Olhei a foto, respirei fundo e tirei de meu bolso a foto de meus avós e meus tios que tinha encontrado na “maleta de parteira” de minha mãe e que tinha trazido comigo. Mostrei-lhe: era a mesma foto. Começamos ambos a chorar.

Conforme o diálogo avançava, eu procurava informar a Arlene o que ia ocorrendo. Não preciso dizer que ela também chorava copiosamente. Passada um pouco a emoção, sentamo-nos e Beata contou-nos que aquele livro, que mais tarde nos deu com uma dedicatória, era a história dos judeus de Lendava. Contou-nos que tudo começou quando, menina, conheceu um casal de idosos que muito passeavam pelas ruas de Lendava e com os quais criou um relacionamento muito forte. Era Blau Lajos e esposa. Últimos remanescentes da população judaica de Lendava. Tinha conseguido sobreviver aos campos de trabalhos forçados nazis; emigrou para Israel e, anos mais tarde, já com sua segunda esposa, pois a primeira desapareceu em Auschwitz, voltara, decidido a viver seus últimos dias em Lendava.

O sr. Blau era um estudioso de suas origens e tinha uma memória fantástica. Contava-lhe histórias da participação dos judeus no desenvolvimento de Lendava desde quando ali tinham chegado, aproximadamente no ano de 1743. Tanto lhe impressionou o assunto que passou a ajudar o sr. Blau a buscar documentos e fotos para formar um arquivo histórico, tendo elaborado sua tese de pós-graduação universitária com um trabalho sobre este tema, editado, e do qual um exemplar eu tinha em mãos. Terminada esta explicação, os ânimos mais serenos, eis que me pergunta: “Sabes que tens uma tia aqui na cidade?” Eu sabia, só não sabia que estava viva. Dito isto, tomou o telefone e ligou para a tia Ilonka, que, quando meu tio Bela, ou o que restou dele, conseguiu voltar dos campos de trabalhos

forçados da Rússia a Lendava, acolheu-o e mais tarde se casaram. Então se travou um diálogo em que só ouvia o que a Beata dizia: “Adivinha quem está aqui?... O Mirko!... Sim o Mirko, filho do Ladislau”. Desligou o telefone, deu-nos o endereço da tia Ilonka e fomos até lá.

Era muito perto, não mais de cinco quadras. Enquanto caminhávamos abraçados, Arlene e eu procurávamos controlar nossas emoções. Sentimos que muito ainda nos aguardava. Avisada da nossa chegada, não se conteve, estava nos esperando em frente do edifício onde morava. Era uma velhinha com não mais de 1,5m, cabelos brancos presos à nuca num coque, de preto, apoiada numa bengala. Ao nos ver, veio ao nosso encontro e exclamou: “Laci, tu és o Laci”. Aqui cabe uma explicação: “Laci” era o apelido pelo qual meu pai era conhecido e ela o tinha visto pela última vez em 1939. Morava com uma irmã mais moça num pequeno apartamento no modesto edifício onde tínhamos nos encontrado. Convidou-nos a subir e tomar um chá. Ela queria saber notícias minhas e de meus falecidos pais, e eu, de minha família. Quando finalmente conseguimos controlar nossas emoções, ela passou a relatar as dificuldades do pós-guerra, falta de trabalho, falta de comida, etc. Disse-lhe que gostaria de visitar a casa, o moinho, a olaria e o hotel de meu avô. A casa e a olaria não existiam mais, informou-me. O local tinha sido loteado e distribuído para os simpatizantes do regime da época. Imediatamente prontificou-se a nos acompanhar e servir de cicerone.

O prédio do moinho estava em ruínas e servia de depósito de adubo. Quanto ao hotel, que para minha surpresa ocupava um quarteirão, tinha sido desapropriado e estava sendo reformado com a finalidade de sediar algum órgão público voltado para atividades culturais. Mantinha seu nome original Korona e continuava sendo ponto de referência na

cidade. Perguntou-me se gostaria de conhecer a casa onde nasci. Lá chegando, tia Ilonka me disse que se lembrava muito bem do meu nascimento, pois ela, adolescente, era quem tinha ido chamar a parteira. Era um prédio de duas casas geminadas, sem recuo, com um grande portão de entrada cuja largura permitia facilmente a passagem de um automóvel. Estava em reformas, fechada, não conseguimos entrar. Isto já era no meio da tarde e ninguém tinha comido nada. Voltamos ao seu apartamento e sua irmã nos esperava com sanduíches, bolo e chá.

Repentinamente, no meio da conversa, perguntou-me se me lembrava da Erzsi. “Quem?”, perguntei. Da Erzsi Fürst, filha de uma tia-avó. Tinha conseguido voltar de Auschwitz, adolescente, magra, famélica, em andrajos, irreconhecível, procurando a casa de seus pais de onde tinha sido arrancada. Chegando onde as lembranças lhe diziam que ficava sua casa, nada havia. Ninguém a reconhecia. Foi quando um cachorro veio correndo ao seu encontro e a reconheceu. Era o cachorro dela que vizinhos não-judeus tinham acolhido. Pois ela estava viva, tinha duas filhas, genro e netos. Moravam em Murska Sobota, cidade a poucos quilômetros dali. Só havia um problema, disse tia Ilonka: estavam brigadas e não se falavam. Não consegui acreditar no que ouvia: duas mulheres com mais de 80 anos, que tinham passado por tudo o que passaram, e estavam “de mal”! “Não te preocupes, Mirko”, disse. “Por ti, vou ligar para ela”.

De fato ligou, e a primeira coisa que disse foi: “Erzsi, não estou ligando para brigar contigo e sim para te dizer que o Mirko, filho do Laci, está aqui comigo e quer te ver”. Como ela morava a mais ou menos 35 km de distância, combinamos que iríamos visitá-la no dia seguinte depois do almoço. Anotei, estávamos exaustos das emoções do dia. Tendo combinado que viríamos buscar tia Ilonka na manhã do dia seguinte, despedimo-nos dela e fomos para

o hotel. Qual não foi nossa surpresa quando, cedo pela manhã, nos telefonam da recepção informando que uma senhora estava no café nos aguardando. Arrumamo-nos rapidamente e descemos para a sala do café. Lá estava tia Ilonka, com uma xícara de chá à sua frente, aguardando-nos com um sorriso. Preocupado, perguntei-lhe se estava havendo algum problema, ao que me respondeu: “Faz 66 anos que te vi a última vez. Agora que estás aqui e não sei se vou te ver novamente, não quis ficar em casa te esperando. Resolvi vir ao encontro de vocês”. Pouco depois chegou a sra. Beata, com quem tínhamos combinado conversar. Contou-nos que a sinagoga tinha sido depredada e incendiada durante a ocupação alemã e a comunidade a estava recuperando como patrimônio histórico, pois não há mais nenhuma família judia na cidade.

De todos os objetos e adornos da sinagoga, restou um relógio dourado, de parede. Quando da publicação de seu trabalho, foi organizada uma exposição de fotografias da comunidade judaica de Lendava no prédio da própria sinagoga, já recuperada, com leituras de trechos do livro e apresentação de uma orquestra israeli. O prédio não abria para visita, pois ainda estava em reformas, mas, por solicitação de Beata, conseguimos visitar. Era ali que os nazis reuniram os judeus da cidade antes de embarcá-los nos vagões para os campos de concentração. Nesta ocasião, meu avô já tinha falecido, mas minha avó e duas filhas (minhas tias) foram num destes grupos. À tarde fomos a Murska Sobota, onde conheci a prima Erzsi, uma de suas filhas, Eva, e o genro Petar. Eva fala um pouco de húngaro e conseguimos nos entender; Petar só fala esloveno; e Arlene, português. Apesar da dificuldade da língua, conseguimos nos entender bem.

Como na volta a Lendava passaríamos pelo cemitério judeu da região onde estavam enterrados meus familiares, manifestei vontade conhecê-lo. Eva

e Petar insistiram em nos acompanhar. Assim como a sinagoga, também o cemitério é mantido pela comunidade. A entrada é através da construção onde se lavavam os corpos. Logo nos deparamos com uma lápide colocada em memória dos que faleceram sob o jugo nazi-fascista. Mais adiante, a lápide de minha família, onde estão enterrados meu avô e tio, e uma mensagem à minha avó e tias que pereceram em Auschwitz. Espalhadas irregularmente pelo pequeno terreno, outras lápides. Árvores, verde, muito verde e muito silêncio. Tudo era muito triste, difícil de descrever. Permanecemos ali por algum tempo, e somente ao notar que o sol se punha nos demos conta que era hora de partir. Despedimos-nos de Eva e Petar, deixamos tia Ilonka em casa, prometendo voltar à noite para mais uma xícara de chá. Foi quando, junto com sua irmã, relatou-nos com maiores detalhes das dificuldades do pós-guerra, do regime comunista altamente discriminador e da rotina de suas vidas modestas. Era passado da meia-noite quando nos despedimos. No dia seguinte iniciariamos a volta para o Brasil. Ao nos despedirmos, minha tia disse que eu não demorasse mais de dez anos para voltar a Lendava, pois até dez anos ela ainda poderia esperar para nos rever, mais não.